

## Bibliografia Nacional: uma co-responsabilidade da classe bibliotecária

National bibliography: A co-responsability of the professionals of librarianship

RELINDA KOHLER \*

Indica algumas causas da insuficiente atenção que os bibliotecários dão ao Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional: irregularidade e atraso da publicação, atualmente sanados graças aos esforços da Biblioteca Nacional; e pobreza de conteúdo, por não poder a Biblioteca Nacional acompanhar a produção bibliográfica que surge espalhada pelo território brasileiro. Recomenda aos bibliotecários um estudo do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional para reconhecer a sua importância e viabilidade como meio de controle bibliográfico nacional, as suas potencialidades na prestação de serviços a bibliotecas, seja quanto à seleção e aquisição, seja quanto à catalogação ou como obra de referência ou quanto a responsabilidade do bibliotecário em relação ao seu conteúdo. Admite que a falta de cooperação do bibliotecário decorra da falta de visão dos problemas da Biblioteconomia; que os Cursos de Biblioteconomia são responsáveis por essa espécie de formação, decorrente do currículo mínimo

---

\* Professora do Departamento de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Paraná.

vigente. Adverte para a necessidade do bibliotecário utilizar todos os meios ao seu alcance para impedir que a profissão se distancie cada vez mais dos serviços dela esperados.

Várias causas explicam a insuficiente atenção que os bibliotecários vêm dando ao *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional* — adiante identificado como BBB — a bibliografia brasileira oficial, fonte, por excelência, para o conhecimento da produção bibliográfica nacional.

Uma das causas é a irregularidade de aparecimento que o tem caracterizado desde 1918, quando saiu pela primeira vez. Interrompido cinco vezes: 1922-30; 1932-31; 1939-44; 1946-50; 1968-72 foi, nesse último período, substituído pela *Bibliografia Brasileira Mensal*, publicada pelo Instituto Nacional do Livro. A atual série foi iniciada em 1973.

Outra causa era o proverbial atraso com que aparecia, felizmente sanada por ora. Publicado por computador, encontra-se em dia, circulando já o número correspondente ao primeiro trimestre de 1977.

Não bastasse o atraso, incluía mais publicações antigas que atuais, o que lhe dava uma conotação, antes, de catálogo do depósito legal brasileiro que o de bibliografia corrente.

As grandes editoras contam com seus instrumentos de divulgação; as pequenas vêm sua produção abandonada à própria sorte. O BBB dá oportunidade igual a todos, divulgando lado a lado, por assunto, todas as publicações remetidas à Biblioteca Nacional — (Av. Rio Branco, 219/39, Rio de Janeiro), em cumprimento ao Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907 e instruções do Ministério da Educação e Saúde Pública, de 19 de dezembro de 1930.

Tal medida pode parecer desinteressante aos editores quando se consideram concorrentes mas, se se puderem ver como aliados, encontrarão no BBB um instrumento duplamente útil ao seu serviço: fazendo a divulgação gratuita e sistemática das suas publicações e servindo, se devidamente analisado, de orientação para o planejamento dos programas editoriais e para a distribuição interna da produção bibliográfica.

Não foi por acaso que o depósito legal, instituído na França em 1527, passou a ser implantado nos demais países na medida do desenvolvimento desses...

Uma terceira causa para o descaso relativo ao BBB é a sua pobreza, divulgando apenas parte daquilo que efetivamente é produzido. Os dois campos mais bem representados são, sem dúvida, o dos livros didáticos e o da literatura ao gosto popular, o que não deixa de ter significação num país como o nosso.

Os livros didáticos aparecem com maior frequência porque correspondem à maior proporção de publicações; a literatura tipo de bolso, na sua grande maioria traduzida aparece, pode supor-se, devido à familiaridade dos editores com a legislação referente ao direito autoral, de tradução e depósito legal.

Dessas três causas — irregularidade, atraso e pobreza — as duas primeiras estão praticamente superadas graças ao trabalho desenvolvido pela Biblioteca Nacional, no sentido de conseguir condições para assegurar a publicação sistemática do BBB, pelo menos a partir do septuagésimo ano do decreto que o instituiu.

Quanto à terceira causa, não está ao alcance da Biblioteca Nacional saná-la, visto que não lhe é dado acompanhar o trabalho dos editores espalhados pelo país.

O Sindicato Nacional de Editores de Livros tem prestado valiosa colaboração, de modo que todas as

publicações que passam pelo seu serviço de catalogação na fonte são devidamente depositadas e constam no BBB. Infelizmente, a ação do Sindicato atinge apenas as editoras do Rio de Janeiro e uma ou outra das mais significativas de outros Estados.

Cumpra, pois, ao bibliotecário, estudar o BBB pelo menos sob os seguintes aspectos: a sua importância e viabilidade como meio de controle bibliográfico nacional; as suas potencialidades na prestação de serviços às bibliotecas e a dependência em que está seu conteúdo da cooperação da classe bibliotecária.

Como meio de controle bibliográfico — cujo objetivo é possibilitar, em última instância, que cada interessado possa obter as informações de que necessite, independente do lugar em que se encontrem — a importância das bibliografias nacionais gerais é superior à das especializadas por incluir *todas* as publicações de determinado local e período numa só fonte secundária. Com a proliferação cada vez maior de publicações, como também das fontes secundárias, apenas uma bibliografia geral torna possível conhecer a real produção bibliográfica do país para uso próprio e para intercâmbio com os demais.

Uma bibliografia nacional geral pobre dá idéia de uma produção intelectual também pobre, já que aquela reflete o estado da cultura do povo que representa.

Quanto às potencialidades de prestação de serviços às bibliotecas, convém examinar o BBB como fonte para seleção e aquisição, como auxiliar no processamento técnico e como obra de referência.

Como fonte para a seleção e aquisição de publicações nacionais, oferece as seguintes facilidades: é classificado por assunto, registrando toda espécie de publicações, independente do seu nível, extensão ou preço. Inclui um índice de autores e biografados, o que sim-

plifica a busca a partir desses elementos. Os números correspondentes aos três primeiros trimestres de cada ano são dedicados às monografias de qualquer extensão; o quarto, às monografias recebidas no período e ainda aos periódicos, músicas e mapas recebidos durante o ano, com a relação dos respectivos editores, favorecendo a aquisição direta.

Como auxiliar no processamento técnico, tem especial valor para a catalogação. Dá a entrada principal correta e completa, inclusive as datas extremas dos autores. Traz a descrição minuciosa da publicação até à nota de série ou de tese inclusive.

Passando a adotar a Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD-M), constituir-se-á num valioso elemento para a uniformização da descrição bibliográfica no país.

Assim, ficam a cargo de cada biblioteca apenas o estabelecimento das entradas adicionais e das notas indispensáveis aos usuários dos seus catálogos, bem como a classificação, que no BBB é geral.

Como obra de referência tem as seguintes potencialidades:

- é fonte de consulta para estudiosos de assuntos brasileiros;
- é fonte indispensável nas bibliotecas dos cursos de mestrado e doutorado, origem da maioria das dissertações atuais e futuras, fornecendo não só bibliografia para o estudo de temas brasileiros, mas sendo ela própria um manancial de temas;
- armazenado em computador, permite a mais variada reordenação de dados, o que interessa tanto aos responsáveis pelo desenvolvimento — isto é, pela educação — quanto à indústria do livro.

Quanto à responsabilidade pelo conteúdo do BBB, essa reflexão pode causar espécie à classe bibliotecária. Ou a determinados bibliotecários.

Localizada num ponto do país, não pode a Biblioteca Nacional, como foi anteriormente afirmado, acompanhar a produção bibliográfica que se verifica em todo o território, das maiores às menores cidades, das mais sofisticadas editoras às artesanais oficinas tipográficas.

Ainda não há bibliotecários nem mesmo em todas as cidades que já contam com estabelecimentos de ensino superior, e o seu número é insuficiente mesmo na maioria das capitais.

Enquanto durar tal estado de coisas, sugere-se à Biblioteca Nacional e ao Instituto Nacional do Livro um entendimento no sentido de que este, ao treinar os encarregados das bibliotecas públicas municipais, encarregue-se de treiná-los também como orientadores dos produtores locais de material bibliográfico quanto ao depósito legal.

O que vale, nessa medida, é a sua viabilidade. Se não contribui para a normalização das publicações, possibilita pelo menos o seu aparecimento no BBB, possibilitando a "descoberta", e o acesso à produção intelectual também do brasileiro menos comprometido com a "aldeia global".

Naturalmente o Instituto Nacional do Livro treinará pessoal para o trabalho em locais em que não haja bibliotecários.

Como ficará a situação da produção bibliográfica dos locais que contam com esses profissionais?

São conhecidas algumas tentativas de criação do depósito legal regional, mas os resultados desses esforços são desconhecidos. E mesmo que seja altamente positivos, se não forem integrados no depósito legal na-

cional, cumprem apenas muito parcialmente a sua finalidade.

São conhecidas numerosas experiências de levantamento bibliográfico da produção de instituições públicas, privadas e de economia mista sem que, contudo, exemplares desse acervo — nem o seu catálogo — tenham sido encaminhados à Biblioteca Nacional.

Parece confirmar-se nessa atitude uma das falhas identificada e apontada pelos profissionais mais lúcidos e por observadores da nossa realidade: o bibliotecário volta-se para dentro da sua biblioteca, procurando ignorar ou ignorando o contexto em que sua atividade se situa.

E já que a crítica atinge a tantos, a responsabilidade por essa formação alienista pode ser atribuída aos Cursos de Biblioteconomia e, nestes ao currículo mínimo vigente desde 1962, que visa preparar não mais que técnicos para trabalhos rotineiros, encerrados entre quatro paredes, voltados para um universo isolado.

A formação do bibliotecário não o leva a estudar a função social da biblioteca nem a caracterizar o usuário para o qual trabalha. Ignora que sua atividade tenha o que ver com o planejamento nacional e só recentemente ouviu falar, de longe, numa política nacional de educação e informação científica e tecnológica. Aprende, com ênfase exagerada em proporção aos outros pontos da sua formação, a organizar a informação disponível, de modo que acredita estar realizando excelente trabalho quando registra, classifica e cataloga documentos, mantendo-os cuidadosamente nos seus lugares. Conhece e manuseia com certo desembaraço algumas fontes, mas não se preocupa com a gênese da informação nem se sente responsável pelo seu controle. Ouviu falar em sofisticadas fontes para a seleção, mas pouco

entende dos princípios e métodos que devem norteá-la. E desacredita das fontes nacionais. Na busca da informação, confia mais na própria memória do que nos instrumentos que tão laboriosamente preparou.

Enquanto a nova proposta de currículo mínimo não for encaminhada ao Conselho Federal de Educação, aprovada e urgentemente posta em prática; enquanto novas gerações de bibliotecários não vierem lutar pelo lugar que efetivamente cabe ao profissional, cumpre à atual geração tentar todos os meios ao seu dispor — e que são numerosos e inexplorados — esforçando-se para impedir que a profissão se distancie cada vez mais dos serviços dela esperados.

A primeira medida a tomar pelo bibliotecário é a de estender o olhar para além da sua mesa de trabalho e para além da biblioteca em que atua, a fim de abarcar a realidade circunjacente.

Tal medida bastará para desentalá-lo da cômoda execução dos rotineiros serviços técnicos.

Criar, planejar e executar tarefas não rotineiras é sempre um risco, mas o fato de assumir ou não os riscos distingue o profissional consciente, atualizado, de nível superior, daquele que, apesar do diploma, continua um profissional de nível médio.

Se o bibliotecário tem competência apenas para executar o que lhe foi determinado, pode ser substituído perfeitamente pelo estagiário, como se verifica a todo momento: as empresas preferem contratar estagiários, que lhes prestam idêntico serviço por um custo significativamente inferior. Quando o estagiário se forma, é dispensado e a empresa contrata outro estudante...

Quando alguém aponta para a importância dos serviços-fim e conclama os colegas a uma dedicação maior

a estes, há sempre quem tome apaixonada defesa dos serviços-meio.

De fato, a boa qualidade desses vai determinar a qualidade daqueles, mas cabe ao bibliotecário aplicar-se em distinguir os que devem ser feitos em, e para cada biblioteca em vista das peculiaridades dos seus usuários, daqueles serviços que devem ser feitos em cooperação e, sempre que possível, centralizados.

Ninguém, a não ser o próprio bibliotecário, vai tornar viáveis a cooperação e a centralização. Ninguém, a não ser ele próprio, vai libertá-lo da rotina niveladora.

Para cooperar, precisa inteirar-se daquilo que os demais profissionais realizam. Precisa participar dos Grupos Técnicos da sua associação. Precisa participar aos demais as próprias iniciativas.

Cronologicamente, uma das mais antigas responsabilidades — implícitas! — é a de cooperar com a bibliografia nacional.

Cumprir ao bibliotecário aceitar como sua a tarefa de orientar o produtor bibliográfico da sua comunidade.

É comum o editor e o livreiro identificarem a biblioteca como aquela instituição especializada em solicitar doações, quando, em verdade, o que lhe compete é oferecer.

Oferecer informação: divulgar os seus serviços; alertar os responsáveis para a existência e a importância das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas para a produção bibliográfica; estimular e valorizar o autor e o produtor local; orientá-los quanto a direitos autorais e depósito legal; descobrir as necessidades de informação da comunidade e encontrar meios para supri-las.

Estudos geram estudos. Valorizar os trabalhos produzidos na comunidade é valorizar a biblioteca e, conseqüentemente, a profissão bibliotecária.

It indicates some causes of the unsatisfactory attention that librarians have paid to the Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional: the irregularity and delay in publishing, now solved due to the efforts successfully made by the Biblioteca Nacional; and the incompleteness caused by the inability of the National Library to keep track of bibliographic production scattered throughout the country. It suggests to librarians a deeper study of the Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional to recognize (a) its importance and viability as a tool for national bibliographic control; (b) its potential in selection and acquisition procedures, cataloguing and its great value as a reference work; (c) responsibility librarians have for its content. It acknowledges that lack of cooperation from librarians comes from their lack of vision of librarianship problems; that the librarianship courses are responsible for this misinformation due to the present minimum curriculum. It suggests the need librarians have to use all available means to prevent the profession from being divorced from the services it should provide.

## BIBLIOGRAFIA

1. BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, 1918 -- Trimestral. Irregular.
2. BRASIL. Leis, decretos etc. *Decreto nº 1925, de 20 de dezembro de 1907 e Instruções do Ministério da Educação e Saúde Pública, de 19 de dezembro de 1930*. Rio de Janeiro, Dept. Impr. Nac., 1958.
3. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 8. Brasília, 1975. *Declaração final do congresso*. Brasília, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1975.

4. CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução nº 109; aprova o código de ética profissional do bibliotecário. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, 3(4/6):135-45, abr./jun. 1974.
5. CUNHA, Murilo Bastos da. O bibliotecário brasileiro da atualidade. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, 5(2):178-94, set. 1976.
6. HAVARD-WILLIAMS, P. S. E. O.: A Biblioteconomia no Brasil. *R. Bibliotec. Brasília*, 3(1):3-22, jan./jun. 1975.
7. MCCARTHY, Cavan. *Developing libraries in Brazil; with a chapter on Paraguay*. Metuchen, N.J., The Scarecrow Press, 1975.